

FONTE : JB

CLASS. : Amaz. / Queimadas

DATA : 20 09 87

PG. : CAD.B/9 04

■ E Abraão olhou para as cidades e para toda a terra da campina, e viu que da terra subia fumaça, como a fumarada de uma fornalha" — *Gênesis.*

Cinzas da Amazônia

Edilson Martins

QUEIMADAS de pequeno porte, destinadas à lavoura indígena, sempre houve na Amazônia. Mas nunca foram uma ameaça à região. Havia como que uma coexistência regeneradora entre elas e a floresta. As grandes queimadas são coisa recente, de 20 anos no máximo. A imprensa noticiou, as entidades ecológicas reclamam, vêm protestos do exterior. Na década de 70, Jorge Bodansky filmou uma dessas queimadas. Escandalizou o país e o mundo. Era uma queimada chinfrin, comparada com as que viriam depois e que tenho a desgraça de assistir. Passivamente.

Há dois anos, viajando de helicóptero com a fotógrafa Ilana Lansky, vimos no sul do Pará, próximo da área do Projeto

Carajás, uma queimada de castanheira — essa nobre árvore em extinção — que se estendia por 18 quilômetros. Os pássaros fugindo, os animais em baixo, encurralados; e o fogo devorando tudo, enquanto rolos de fumaça negra, roxa, ocupavam espaços antes pertencentes à cotia, à anta, à paca, à seringueira, ao mogno, à castanheira. Era no florido setembro da Amazônia. Calmo, o piloto sorria. Molestado, hostilizou: "Você não pode assistir isso sorrindo, meu amigo". E ele: "Qué que você quer? Que eu chore?"

Queimadas na Amazônia, repito, sempre houve. O que nunca houve, e novamente nos meses de agosto e setembro, foram as queimadas de agora. Aviação da Vasp, Varig e Cruzeiro retidos, ou sem poderem aterrisar na Amazônia, tal o volume de fumaça nos céus. Está ocorrendo em Rio Branco, Porto Velho, Cuiabá e Campo Grande, para não falar de cidades de menor expressão. Em Rio Branco,

capital do Acre, última fronteira do país, a população paga um alto preço pelas queimadas: doenças respiratórias, irritação nos olhos, obstrução nasal, constituem agora a torta diária. E os aviões não pousam nem decolam. A visibilidade está abaixo do mínimo exigido, 150 metros na vertical, dois mil metros na horizontal.

Uma sinistra nuvem de fumaça estende-se de Vilhena, em Rondônia, no eixo da BR-364, até o município de Sena Madureira, no Acre, numa extensão de quase dois mil quilômetros. Imagine, assustado leitor, este aviso no interior de um Boeing 737, a seis mil metros de altitude: "Senhores passageiros, lamentamos, mas vamos ter que retirar a fumaça da aeronave". De spray na mão, um comissário de bordo cumpre a ordem do comandante. O avião, da Vasp, fazia o trecho Cruzeiro do Sul—Rio Branco. Perplexos, os passageiros se entreolhavam. A emenda do não melhorava em nada o soneto da fumaça.

Estamos tratando a floresta amazônica como uma grande inimiga. O fazendeiro José Tavares, por exemplo, derrubou e queimou 1 mil 800 hectares de floresta, no seringal Bonfim, em agosto último. É mais do que a metade do nosso Parque Nacional da Tijuca. Os jornais denunciaram. O IBDF, certamente muito constrangido, teve que multar: CZ\$ 103 mil. Dois mognos em pé, apenas dois mognos, pagam essa multa.

Tem-se a impressão de que o fato de estar reunida uma Constituinte, capaz hipoteticamente de regulamentar o aproveitamento das florestas, está fazendo com que recrudescam as queimadas. Tudo indica que a política posta em prática pelos empresários é derrubar e queimar o máximo, antes que venha alguma norma em contrário. Quem acompanhou o noticiário sobre a tragédia do ministro Marcos Freire deve estar lembrado do depoi-

mento do jornalista Geraldo Moreira — o que entrou e saiu do avião e por isso se salvou. Ele mencionou a falta de segurança dos vôos na Amazônia, principalmente em decorrência "da fumaça das queimadas".

Segundo os técnicos, houve este ano um incremento de 120% nas queimadas. Segundo a FAO, as florestas tropicais estão desaparecendo à razão de 7,3 milhões de hectares por ano, ou seja, uma área maior do que a Bélgica e a Holanda juntas. Para esse total o Brasil contribui com seis milhões de hectares. Todo ano transformamos em pasto, mata secundária, em areal imprecioso, seis milhões de hectares de floresta tropical primária. A Amazônia vira cinza. Parece perverso demais para ser verdadeiro. Mas é.

■ Edilson Martins é autor de vários livros sobre a Amazônia.